

A Cadeia Produtiva do Tabaco Sul brasileira: Uma análise de desempenho pós 2011*

Southern Brazilian Tobacco Production Chain: A post-2011 performance analysis

Robson Nepomuceno**

Resumo: O tabaco começou a ser cultivado no Brasil na região nordeste por volta dos anos de 1560 por colonos portugueses. Essa produção teve início na região que atualmente compreende, de Salvador (BA) a Recife, no estado de Pernambuco. Durante o século XVII, o tabaco passou a ser um dos principais produtos de exportação do então Império Português. No entanto, a produção expandiu-se rapidamente somente após a Proclamação da Independência, no ano de 1822. No início do século XX o setor fumageiro se expandiu pelo Brasil, o fumo passou a ser cultivado em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, e principalmente nos três estados da região sul, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Atualmente a região sul do Brasil é responsável por cerca de 95,1% de toda a produção nacional, com 137.618 famílias envolvidas na produção, em uma área plantada de 273.356 hectares, produzindo na safra 2020/21, 628.489 toneladas do produto, atingindo o valor bruto de produção (VBP) de R\$ 6.623.443.634. Assim sendo, esse texto objetiva traçar parâmetros que determinam a sua dinâmica geoeconômica, bem como estabelecer a importância socioeconômica da cadeia produtiva do tabaco na região sul do Brasil. Para tanto, utilizou-se a estratégia metodológica baseada em levantamento bibliográfico de dados quantitativos disponíveis em plataformas como AFUBRA, SINDITABACO e COMEXSTAT. Esses, incrementados por contribuições de materiais secundários oriundo de dissertações, teses e artigos que versam sobre o setor. Verificou-se que a cadeia produtiva do tabaco vem apresentando na última década uma concentração da produção, onde os fumicultores com capacidades produtivas reduzidas estão sendo excluídos da atividade. Constatou-se ainda, que a cadeia produtiva do tabaco na região sul do Brasil possui dinamismo em seu funcionamento, esse, capaz de manter empregos diretos e indiretos e gerar renda para milhares famílias sul brasileiras.

Palavras-chave: Desempenho; Fumicultura; Importância Socioeconômica.

Abstract: Tobacco began to be cultivated in Brazil in the northeast region around the 1560s by Portuguese settlers. This production began in the region that currently comprises Salvador (BA) to Recife, in the state of Pernambuco. During the 17th century, tobacco became one of the main export products of the then Portuguese Empire. However, production expanded rapidly only after the Proclamation of Independence, in 1822. At the beginning of the 20th century, the tobacco sector expanded throughout Brazil, tobacco began to be cultivated in Minas Gerais, Goiás, São Paulo, and mainly in the three states of the southern region, Rio Grande do Sul, Paraná and Santa Catarina. Currently, the southern region of Brazil is responsible for about 95.1% of all national production, with 137,618 families involved in production, in a planted area of 273,356 hectares, producing in the 2020/21 harvest, 628,489 tons of the product, reaching the gross production value (VBP) of BRL 6,623,443,634. Therefore, this text aims to outline parameters that determine its geoeconomic dynamics, as well as to establish the socioeconomic importance of the tobacco production chain in southern Brazil. For this purpose, a methodological strategy based on a bibliographical survey of quantitative data available on platforms such as AFUBRA, SINDITABACO and COMEXSTAT was used. These, incremented by contributions of secondary materials from dissertations, theses and articles that deal with the sector. It was found that the tobacco production chain has been showing a concentration of production in the last decade, where tobacco growers with reduced productive capacities are being excluded from the activity. It was also found that the tobacco production chain in southern Brazil has dynamism in its operation, capable of maintaining direct and indirect jobs and generating income for thousands of southern Brazilian families.

Keywords: Performance; Tobacco farming; Socioeconomic Importance.

Classificação JEL: A12; A19

*Submissão: 19/05/2023 | Aprovação: 02/05/2024 | Publicação: 21/12/2024 | DOI: [10.54805/RCE.2527-1180.v7.n2.138](https://doi.org/10.54805/RCE.2527-1180.v7.n2.138)

**Universidade Federal de Santa Catarina | E-mail: robsonnepomuceno1@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1366-4880>

1 Introdução

O tabaco¹ começou a ser cultivado no Brasil na região nordeste por volta dos anos de 1560 por colonos portugueses. Essa produção teve início na região que atualmente compreende, de Salvador (BA) a Recife, no estado de Pernambuco. Inicialmente era produzido apenas para o consumo próprio, somente o excedente era comercializado em sua grande maioria com países Europeus, sendo muitas vezes, utilizado como moeda de troca por outros produtos que não dispunham à época no Brasil. Durante o século XVII, o tabaco passou a ser um dos principais produtos de exportação do então Império Português. No entanto, a produção expandiu-se rapidamente somente após a Proclamação da Independência, no ano de 1822 (BATBRASIL, 2022).

Verifica-se importante destacar que, atualmente a produção de tabaco a nível mundial, gera significativa contribuição econômica, pois;

O tabaco é, atualmente, a mais importante cultura agrícola não-alimentícia do planeta e contribui substancialmente para a economia de mais de 150 países. O Brasil é um produtor de tabaco mundialmente reconhecido pela qualidade do seu produto, sendo líder em exportações desde 1993. No mundo, a indústria de cigarros produz cerca de 5,5 trilhões de cigarros por ano (BATBRASIL, 2022).

Assim, como em outros países pelo mundo, em todos os continentes, no Brasil, a produção de fumo diversificou-se, surgindo novas variedades de cultivo, novos produtos e novas áreas de plantio. No início do século XX o setor fumageiro se expandiu pelo Brasil, o fumo passou a ser cultivado em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, e principalmente nos três estados da região sul, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina (SCHENATO, 2015).

Atualmente, a região sul do Brasil é responsável por cerca de 95,1% de toda a produção nacional, com 137.618 famílias envolvidas na produção, em uma área plantada de 273.356 hectares, produzindo na safra 2020/21, 628.489 toneladas do produto, atingindo o valor bruto de produção (VBP) de R\$ 6.623.443.634 (AFUBRA, 2022).

Os estabelecimentos dos agricultores envolvidos na produção de fumo apresentam em média 12,3 hectares, desses, cerca de 2 a 4 hectares são destinados a atividade. No ano safra 2020/21, mais de 31,3 famílias que não possuem terra, trabalharam em parceria, constituindo assim em um nível de divisão do trabalho nesse setor (AFUBRA, 2022).

Outra característica desse setor produtivo é o chamado sistema de integração, que consiste em formalização contratual em toda safra da relação comercial entre os fumicultores e as empresas atuantes no setor. Dessas, grandes multinacionais como a *British American Tobacco* do Brasil, representada pela Souza Cruz no Brasil, maior grupo de tabaco do planeta, a *Japan Tobacco International* (JTI), a *Companhia Nacional de Tabaco da China* (CNTC) e a *Philip Morris International*. Nesse sistema, os agricultores são comprometidos a produzir uma determinada quantidade de tabaco de acordo com as exigências de qualidade e demais especificações de cada empresa, e as mesmas se comprometem em comprar essa produção. Além de oferecerem assistência técnica à lavoura, venda direta aos produtores dos insumos utilizados na produção e transporte do produto até os postos de compra (DORNELES, e SILVEIRA, 2010).

É importante destacar que existem diversas variedades, formas de cultivo e secagem da planta do tabaco produzido na região sul brasileira. Como por exemplo o tipo *Virgínia*, onde seu processo de cura/secagem, leva de quatro a cinco dias em estufa com rígido controle de temperatura e umidade. Essa variedade apresenta coloração amarelo vivo a tons de laranja e mogno, considerado de qualidade superior aos demais para fabricação de cigarros e por isso seu valor comercial também é superior. Temos ainda o tabaco do tipo *Burley*, que passa por um processo de cura/secagem mais lento, feito em condições naturais, onde as plantas são suspensas inteiras em galpões por cerca de quarenta dias até atingirem a condição ideal para serem encaminhadas para a indústria. A principal característica dessa variedade é apresentar coloração de tons marrons mais claros a escuros. Há ainda as variedades do tipo *Comum*, *Dark* e *Maryland*, essas, com características mais semelhantes à variedade tipo *Burley*, quanto ao seu processo de cura/secagem, que é realizado de maneira natural e também quanto a suas características de coloração, que variam entre o marrom claro e escuro. Essas últimas variedades, apresentam-se de maneira menos expressiva em produção (BATBRASIL, 2022). Em termos relacionados a volume de produção, verifica-se que o Tabaco de Galpão, como é categorizado o tipo *Burley* e *Galpão Comum*, participam com aproximadamente 14% e 1%, respectivamente, do total produzido. Já a categoria conhecida como *Tabaco de Estufa*, onde se enquadra todas as variedades do tipo *Virgínia*, é responsável por 85% do volume produzido (SINDITABACO, 2022).

Diante do exposto, baseando-se ainda em diversas produções acadêmicas consultadas, faz-se necessário desvendar a condição atual desse setor. Sobretudo, porque nos últimos anos vem ocorrendo um deslocamento da produção, redução de famílias produtoras e consequente concentração da produção, problemas ambientais, entre outros desafios que toda essa cadeia produtiva vem enfrentando. Assim sendo, esse texto objetiva traçar parâmetros que determinam a sua dinâmica geoeconômica, bem como estabelecer a importância socioeconômica da cadeia produtiva do tabaco na região sul do Brasil.

1 O tabaco, cientificamente é denominado de *Nicotiana tabacum* L., e pertence à família *Solanaceae*, originária provavelmente do norte da Argentina ao sudoeste da Bolívia. A utilização do tabaco pela sociedade é datada de 6000 ano a.C. (BARBIERI E STUMPF, 2008, p. 377). É uma planta sensível ao vento, granizo e temperaturas abaixo de 18° C e acima de 28°C. Acredita-se que tribos indígenas dessa época e região, já à utilizavam, e foi por meio de migrações desses povos que a planta chegou ao Brasil. Inicialmente o tabaco possuía caráter sagrado e eram utilizados em diversos rituais e também para fins medicinais. Era mascado, ingerido, bebido, aspirado, mas tinha como a principal utilização, o hábito de fumar. Logo, o hábito foi conhecido pelos recém chegados europeus no ano de 1492. No entanto, somente quatro décadas depois chegou a Europa, sendo cultivado inicialmente em Portugal e depois na França, onde a nobreza aderiu ao hábito de fumar, influenciando todo o restante da Europa e posteriormente o mundo (FAVARIN, S/D).

Para alcançar tal objetivo a estratégia metodológica utilizada consiste em pesquisa bibliográfica, que quando tomada como base metodológica de um trabalho, é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e demais documentos. Dessa forma, verifica-se que quase todos os estudos exigem essa espécie de trabalho (GIL, 2002, p. 44). Esse tipo de pesquisa geralmente é requerida quando as informações disponíveis referente a determinado assunto, se encontram em estado dispersivo, a exemplo do setor analisado, da qual, muitas vezes não pode ser adequadamente relacionada ao problema (GIL, 2002). Ainda dentro de tal estratégia, utilizar-se-á de análise quantitativa de dados em plataformas que versam sobre índices relativos a cadeia produtiva do tabaco, como a Associação de Fumicultores do Brasil (AFUBRA), o Sindicato Interestadual das Indústrias de Tabaco (SINDITABACO) e ainda na base de dados das Estatísticas de Comércio Exterior do Brasil (COMEXSTAT). Esses, sendo analisados levando em consideração pós ano de 2011, sendo verificado que a variável de dez anos permite a obtenção de uma condição mais atual do setor, e também possibilita a traçar direcionamentos futuros ao setor.

Assim, esse trabalho fica apresentado da seguinte forma, além dessa introdução, que tem por objetivo realizar uma contextualização geral acerca do tema, o texto possui mais duas partes. A primeira discorre sobre a evolução da fumicultura sul brasileira e a segunda sobre aspectos relativos ao desempenho comercial, principalmente das exportações do tabaco sul brasileiro. Por último, é apresentado as considerações finais na qual estão dispostas as principais reflexões resultantes dessa análise

2 Evolução da Fumicultura Sul Brasileira pós 2011

No Brasil, as primeiras fábricas a industrializar o tabaco, surgem por volta de 1875, mas foi a partir de 1890 que a produção aumentou efetivamente, favorecida pela crescente mecanização que barateou os custos de produção. Dessa forma, a partir do início do século XX, a fumicultura torna-se uma atividade importante socioeconomicamente para a Região Sul brasileira. Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná, representam cerca de 95% do total da produção brasileira de fumo atualmente.

A concentração da produção nessa região, justifica-se pela instalação de colônias europeias, sendo que muitos desses povos já cultivavam o tabaco em suas regiões de origem, tendo assim a mão de obra necessária, as condições climáticas, os solos favoráveis e a renda econômica bastante atrativa que a cultura proporciona em pequenas propriedades. Assim, o estado do Rio Grande do Sul concentra a produção com 51%, destacando-se também pelo fato de possuir praticamente todas as indústrias de processamento, exportando o tabaco para mais de 100 países, seguido por Santa Catarina, 28% e o Paraná com 21% do total produzido na região sul do Brasil (SINDITABACO, 2022).

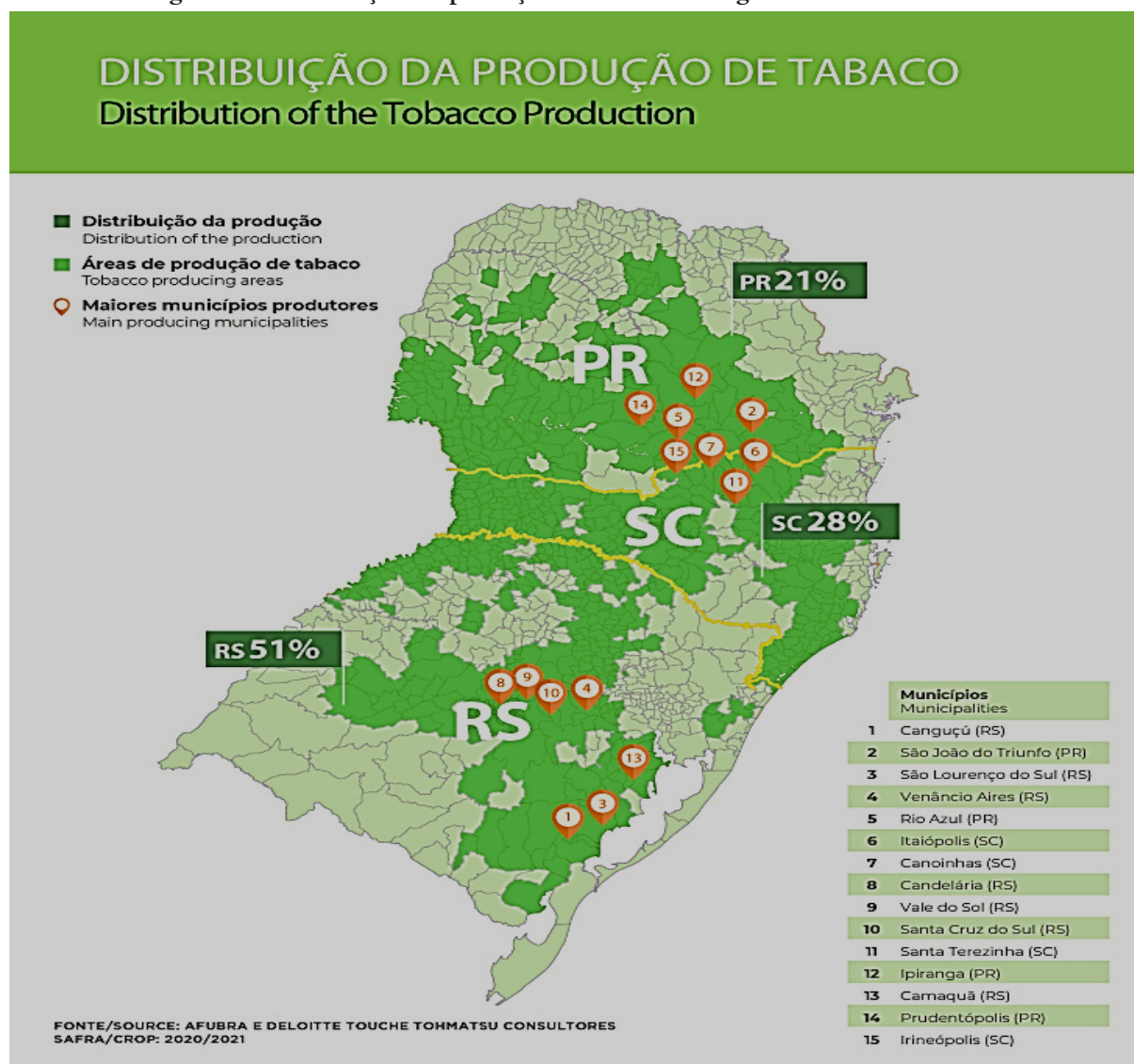
A figura 1 a seguir, demonstra a distribuição/ocupação da produção de tabaco pelos três estados da região sul brasileira e os principais municípios produtores.

Analisando a distribuição geográfica da produção de tabaco na região sul do Brasil, conforme figura 1, observa-se que no estado paranaense o tabaco é cultivado principalmente entre a região oeste, sudoeste e sul, sendo essa última a que concentra um maior número de famílias produtoras e os maiores volumes de produção. Com destaque para o município de São João do Triunfo, que na safra 2020/21 foi o segundo maior produtor do país.

Em Santa Catarina, o maior número de produtores e volumes de produção concentra-se na região do planalto norte, com destaque para os municípios de Itaiópolis e Canoinhas, que estão entre os 10 maiores produtores de tabaco do país na safra 2020/21. Contudo, o tabaco também cultivado em outras regiões do estado, como no vale do Itajaí, meio-oeste, oeste e sul, contribuindo assim para o status de segundo maior produtor brasileiro.

No estado do Rio Grande do Sul, maior produtor de tabaco do Brasil, a produção se concentra principalmente na região sul e central, e de forma pouco menos expressiva ao norte. A região sul do estado destaca-se por possuir dois dos três maiores municípios produtores de tabaco do país, com Canguçu na primeira posição e São Lourenço do Sul na terceira colocação. Já a região central, além dos grandes volumes de produção, distingue-se também por abrigar as principais empresas multinacionais do setor. Os municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, concentram o maior complexo de processamento de tabaco do mundo.

Figura 1 - Distribuição da produção de tabaco na região sul do Brasil - 2021



Fonte: SINDITABACO, 2021. Disponível em: <http://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/infograficos/> Acesso em 10 de setembro de 2022.

O gráfico 1 na sequência, nos mostra o processo de evolução da fumicultura na região sul Brasileira entre o período de 2011 a 2021, apresentando o número de famílias envolvidas na produção, hectares cultivados e toneladas produzidas.

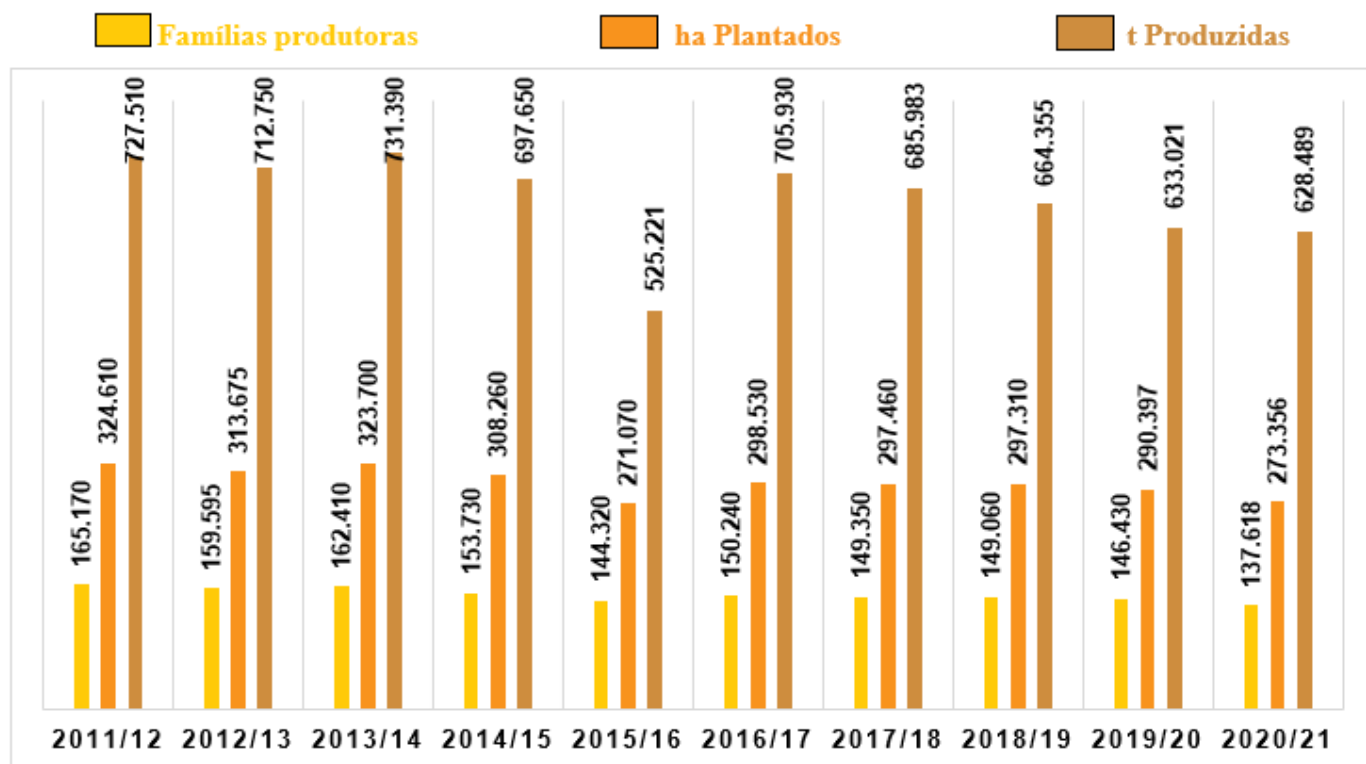
Observando os dados expostos pelo gráfico 1, quanto ao número de famílias produtoras, podemos verificar que após o ano de 2011 houve um declínio no número de famílias envolvidas na produção. Esse declínio em sua grande maioria é explicado pela tendência apresentada pelas empresas do setor em concentrar a produção, tendo assim maiores garantias de controle de qualidade e quantidade do produto.

Seguindo com a análise, quanto a hectares de tabaco cultivados, observa-se que o pico maior se deu no ano de 2011, e nos anos seguintes com pequena oscilação, e a partir do ano de 2014, apenas declínio. Observamos ainda que mesmo com a diminuição significativa de famílias envolvidas na produção após o ano 2011, a área cultivada não teve uma queda correspondente. Ou seja, a diminuição da área plantada não resultou em diminuição da produção, pois houve uma maior rentabilidade por hectare da cultura e aumento de hectares cultivados por família.

A maior rentabilidade de produção por hectare é resultado de uma maior inserção tecnológica em todas as fases de produção, bem como de constantes pesquisas na área de melhoramento genético quem veem desenvolvendo cultivares com maior desempenho produtivo. Ainda com relação a área em hectares cultivados da planta, e também produção em toneladas, notamos que a menor quantidade foi atingida no ano de 2016, ano esse considerado pelo setor como sendo desfavorável climatologicamente para a cultura, devido a ocorrência de eventos extremos do clima como estiagens, precipitação de granizo entre outros. Observamos ainda que nos três anos posteriores, a área cultivada teve um pequeno aumento em relação a 2016 e se manteve mais regular nas safras seguintes.

Identificou-se ainda, que a maior produção em toneladas, considerando hectares cultivados no período analisado, se deu na safra 2013/14, com 731.390 toneladas produzidas, mesmo não sendo o ano em que uma maior área em hectares foi cultivada.

Gráfico 1 - Evolução da Fumicultura Sul Brasileira – Famílias Produtoras – ha Plantados – t Produzidas



Fonte: Adaptado Afubra, 2022.

Essa análise permite tirar conclusões no sentido da presença do desenvolvimento das relações capitalistas de produção nesse setor, que obrigam a modernização por parte das famílias produtoras, ou, do contrário, exclusão da atividade devido a sua incapacidade produtiva. Assim, concentra-se a produção em um número reduzido de estabelecimentos/famílias, com uma eficiência produtiva aumentada, e por outro lado e consequência, ocorre um aumento das desigualdades sociais no campo devido à falta de trabalho para as famílias excluídas da atividade.

Nesse sentido ressalta-se também a importância da variável clima nessa atividade, pois é fator determinante quanto a quantidade e qualidade da produção. Sendo que esse aspecto, também pode ser otimizado em estabelecimentos rurais com um maior acesso à tecnologia, como por exemplo previsão do tempo, sistemas de irrigação ou até mesmo técnicas de cultivo, que podem diminuir o problema. Possibilitando assim, um maior controle sobre essa variável, o que proporciona uma maior segurança quanto a sua produção. Nos mostrando assim, que o agricultor de nível familiar, com recursos reduzidos em âmbito de tecnologia e informação, pode ter seus meios de produção de vida ainda mais afetados ou prejudicados por uma eventual adversidade climática que pode impulsionar ainda mais a concentração da produção nesse setor.

Continuando com a análise referente aos parâmetros da fumicultura sul brasileira, o gráfico 2 a seguir, demonstra a produção média de tabaco por hectare, preço médio de comercialização por quilo do produto, e ainda o montante gerado, permitindo assim realizar algumas análises importantes referentes a esse processo.

A importância econômica da fumicultura, principalmente para o sul do Brasil, se torna evidente quando avistamos os montantes anuais gerados pelo setor, principalmente tratando-se do fato que o cultivo é realizado predominantemente a nível familiar em pequenas extensões de terra. Observa-se ainda, que a cultura apresenta uma ótima rentabilidade por hectare cultivado, pois como nos mostra o gráfico 2, no ano de 2017 por exemplo, a produção atingiu uma média de 2.365 quilos por hectare, nesse mesmo ano, o preço médio de comercialização por quilo do produto foi de R\$ 8,63, o que gera uma renda bruta total média de 20.409,95 reais/ha. Sendo assim muito atrativa, principalmente comparado ao rendimento de outras culturas para produtores que dispõem de poucas quantidades de terra para cultivo e mão de obra familiar.

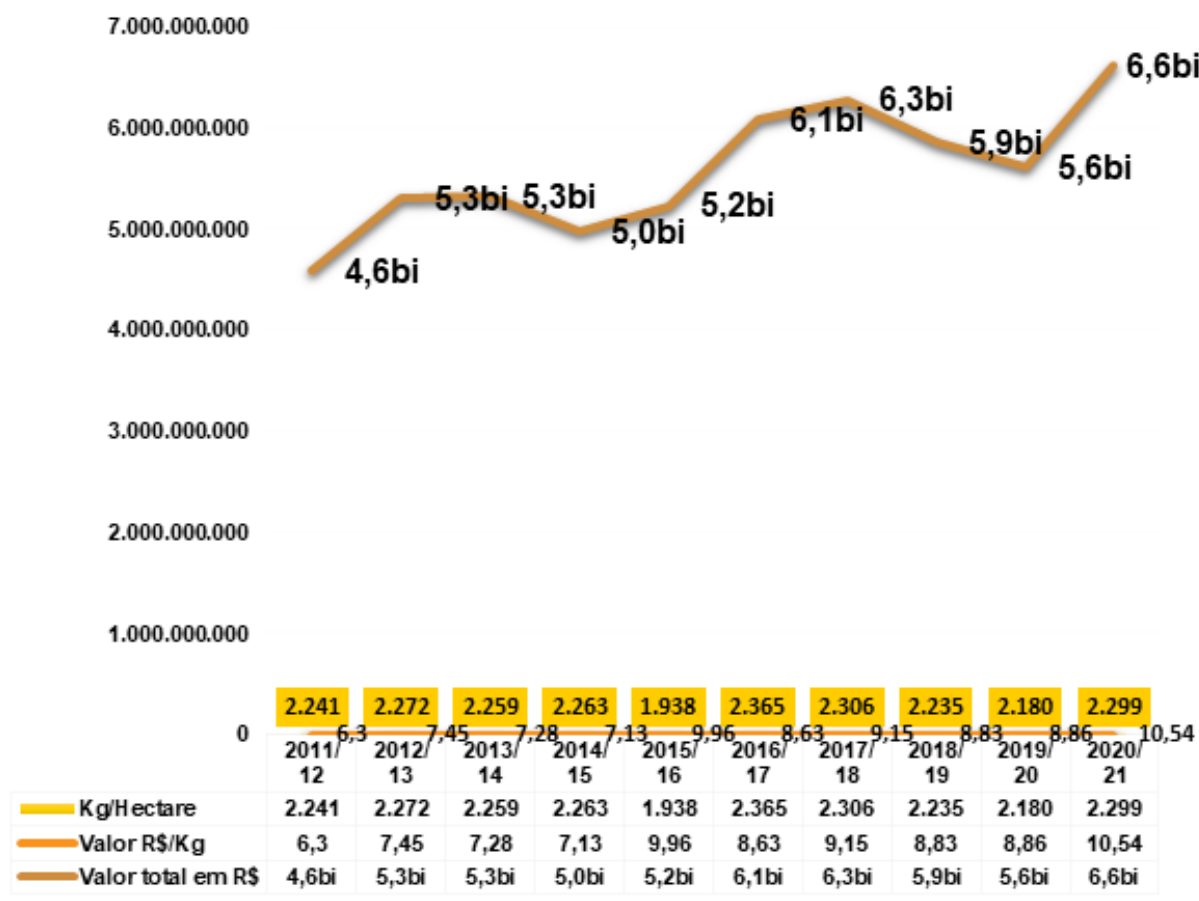


Gráfico 2 - Evolução da Fumicultura Sul Brasileira – kg/ha – Valor R\$/kg – Valor Total em R\$

Fonte: Adaptado Afubra, 2022.

Pode-se chamar atenção ainda que na safra 2013/14, conforme o gráfico 1, ocorreu a maior produção de tabaco do período analisado, atingindo um total de 731.390 toneladas. Em contrapartida, observando o preço médio de comercialização por kg do produto, representado no gráfico 2 nesse mesmo ano, verifica-se a ocorrência de uma grande queda comparado ao preço médio do ano anterior e em anos posteriores. Tal movimento pode ser explicado pela lei da oferta e procura, visto que o setor privado que comanda a cadeia produtiva, não controla com efetividade a relação entre produção a campo, industrialização e exportação do produto, sendo que também é dependente das oscilações de demandas do mercado externo. E, o estado, também não possui políticas públicas específicas que controlem essa relação, deixando assim os produtores vulneráveis, dessa forma, muitas vezes recebem preços inferiores ao esperado pelo produto, prejudicando assim a rentabilidade de suas safras.

Por fim, o gráfico 2 demonstra ainda o montante gerado pela produção no ano safra de 2020/21 aos fumicultores do sul do Brasil, ano esse, em que verificou-se a maior quantia já registrada no setor, em torno de R\$ 6,6 bilhões. Nos dando assim, a ideia de quão significativa economicamente e socialmente essa produção se faz no ramo agrícola sul brasileiro.

3 Desempenho das Exportações do Tabaco Sul Brasileiro pós 2011

Atualmente o Brasil se encontra como segundo maior produtor mundial de tabaco, ficando atrás apenas da China, ocupando a primeira posição em exportações. O faturamento total do setor no ano de 2021 ficou em torno dos 30 bilhões de reais (AFUBRA, 2022).

A região sul concentra quase que a totalidade das exportações de tabaco do Brasil, pois sedia as maiores áreas e volume de produção, as principais indústrias de beneficiamento, exportação do fumo em folha e da produção de cigarros. Assim, a cultura do tabaco é uma das atividades agroindustriais mais significativas para a região. No Rio Grande do Sul por exemplo, maior produtor entre os três estados do sul, a participação do tabaco chegou a representar 7,4% no total de suas exportações no ano de 2018. Enquanto que nesse mesmo ano, o tabaco representou 0,8% de todas as exportações brasileiras (SINDITABACO, 2019).

O Brasil é o maior exportador de tabaco do mundo desde 1993, referindo-se ao ano de 2019 por exemplo, verifica-se que o país exportou U\$ 1,96 bilhões em receitas do produto. Quando nos referimos a peso, foram exportados em 2019 um total de 403 mil toneladas (COMEXSTAT, 2019).

A figura 2 a seguir, demonstra as principais regiões do mundo para onde o tabaco sul brasileiro é exportado, bem como a porcentagem do volume total para cada região no ano safra de 2020/21.

Figura 2 - Exportações do Tabaco Brasileiro 2022



Fonte: SINDITABACO, 2022. Disponível em: <http://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/infograficos/>. Acesso em 10 de setembro de 2022.

Conforme demonstra a figura 2, no ano safra 2020/21, o principal destino do tabaco brasileiro foi destinado à países integrantes da União Europeia, chegando aos 40% de todo o tabaco exportado. Em seguida, países da Oceania que importaram 28% de todo o tabaco brasileiro. Destacando que a produção de fumo brasileira, ainda é exportado para países da América do Norte, América do Sul, África, Oriente Médio e Ásia.

Continuando com a análise referente a leitura da figura 2, quanto aos principais países que importaram o tabaco brasileiro, verificamos que a Bélgica foi o principal destino, isso devido a vasta industrialização do produto em forma de charutos e cigarros existente nesse país. Em seguida vem a China, que além de ser o maior produtor mundial de tabacos, ainda importa grandes quantidades para abastecer seu mercado que também é maior o consumidor do produto a nível mundo. Temos ainda como comparadores de grandes volumes do tabaco brasileiro os Estados Unidos, que aparecem na terceira colocação, Indonésia na quarta colocação e ainda os Emirados Árabes. Esses cinco principais países importadores do tabaco brasileiro, representam juntos um montante de US\$ 728 milhões em receitas para o Brasil.

Dessa forma, verificamos que no referido ano/safra, o tabaco brasileiro foi exportado para 105 países, com um volume total de 464 mil toneladas gerando uma receita de 1,46 bilhões de dólares.

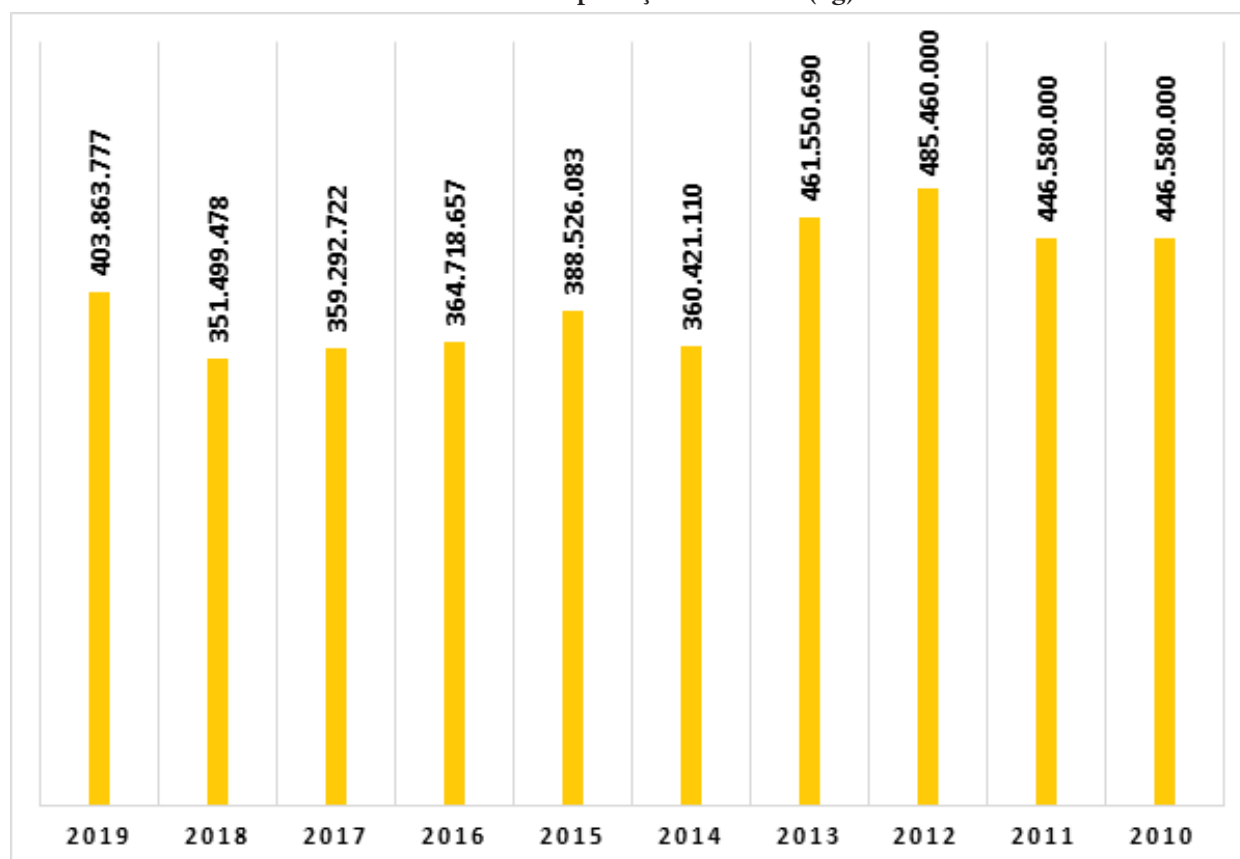
Os principais estados exportadores ficam todos na região sul do Brasil, sendo Rio Grande do Sul, na primeira colocação, na sequência Santa Catarina e depois o Paraná, com uma participação menos expressiva nas exportações, com cerca de 0,30% do total. Salienta-se que no ano safra 2020/21, no Rio Grande do Sul, as exportações de tabaco representaram 5,76% do total do estado, enquanto que em Santa Catarina, o tabaco representou 1,72% de todas suas exportações. Assim, quando nos referimos à região sul brasileira como um todo, avistamos que o tabaco representou 2,87% de todas as exportações dessa região. E, quando elevamos à nível de Brasil, esse valor representa 0,5% do total de suas exportações (SINDITABACO, 2022).

É importante destacar que o estado do Rio Grande do Sul concentra a maioria das empresas responsáveis pela industrialização do tabaco. Nesse sentido, além de seus grandes volumes de produção, sua liderança em exportações também se dá pelo fato de que muitos postos de compra de tabaco localizados no estado catarinense e paranaense, conduzem o tabaco comprado nessas regiões para serem

industrializados nesse estado, para posteriormente serem exportados. Assim, nem todo o tabaco exportado pelo Rio Grande do Sul é exclusivamente oriundo de sua própria produção.

Ainda em âmbito de exportações de tabaco, o gráfico 3 a seguir representa o volume em **kg** de fumo em folha exportados pelo Brasil entre o período de 2010 a 2019. Pode-se verificar que durante esse período, o pico maior de exportação se deu no ano de 2012, e que após esse ano o volume sofreu algumas oscilações, mas representando tendência de queda. No entanto, ainda assim o Brasil se mantém no topo dos países que mais exportam tabaco em folha no mundo.

Gráfico 3 - Exportação brasileira (kg)



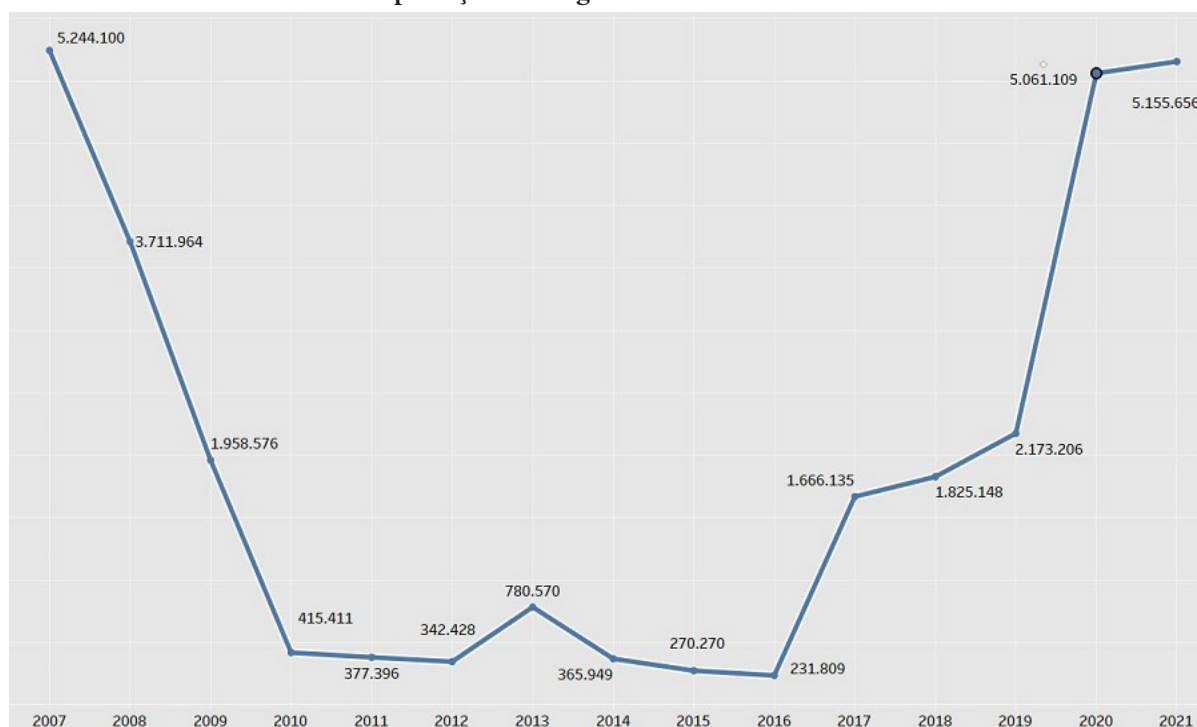
Fonte: AFUBRA, 2022.

Apesar desse destaque no cenário mundial em exportações do tabaco em folha, quando trata-se do produto industrializado, o Brasil não tem a mesma representatividade.

O Brasil, apesar de sua capacidade instalada de produção e seu potencial, é fornecedor quase nulo do mercado internacional quando se trata do produto industrializado, embora seja o primeiro em exportações de fumo em folha. Esse desequilíbrio é decorrente de fatores como as barreiras comerciais (cotas e tarifas) aos produtos industrializados nos mercados dos Estados Unidos e União Europeia (escalada tarifária) e a insensibilidade das multinacionais instaladas no país, que vendem os seus produtos internacionalmente. Os EUA têm seu mercado aberto para quase todos os países produtores, menos para o bloco do Mercosul, que paga em média 20% de tarifas sobre cigarros e limitações com cotas de 82.000 ton. para fumo manufaturado (BARRETO, 2004).

Verificamos por meio do gráfico 4 a seguir, que a situação descrita por BARRETO (2004), ainda persiste se considerarmos períodos atuais.

Gráfico 4 - Exportações de cigarros - maiores volumes/milheiro



Fonte: Adaptado, ComexStat/SECINT/ME, 2022

Analisando o período entre 2007 e 2016 por exemplo, as exportações de charutos, cigarrilhas e cigarros registradas no ComexStat, reduziu de 5.244.100 kg para 231.809 kg, representando uma queda de 2.162%. Já após o ano de 2018, as exportações apresentaram forte elevação, impulsionadas principalmente pela alteração da lei Federal nº 13.670/2018 que alterou o art. 12 do Decreto Lei nº 1.593/77, e retirou a exigência de que as embalagens para exportação sejam maços ou carteiras de vinte unidades. A retirada desta restrição abriu novos mercados para as empresas nacionais, principalmente para os países da América do Sul. É importante evidenciar que, a Pandemia de Covid-19 também contribuiu para o aumento das exportações do tabaco industrializado, pois muitas multinacionais localizadas no Brasil tiveram suas fábricas paralisadas em outros países, e se utilizaram da capacidade ociosa das instalações brasileiras para atender a estes mercados.

Quanto a especificação de todas as receitas desse setor produtivo, desde a produção, industrialização e comércios, o quadro 1 a seguir aponta todos os montantes gerados no ano safra 2019/20.

Quadro 1 – Receitas Geradas do Tabaco

ESPECIFICAÇÃO	R\$	%
IPi	5.819.139.710	26,74
ICM Indústria	5.722.398.190	26,30
ICM Varejo	459.097.350	2,11
COFINS	1.306.448.960	6,00
PIS	890.394.280	4,09
Total dos Tributos	14.197.478.490	65,24
Margem da Indústria	5.029.339.810	23,11
Margem do Varejo	1.838.701.330	8,45
Margem do Fumicultor	692.648.380	3,18
TOTAL GERAL	21.758.168.010	100
Consumo Maços	3.558.426.660	
R\$ Média/Maço	6.115	

Fonte: Adaptado AFUBRA, 2022.

O quadro 1 especifica aspectos importantes sobre a distribuição dos montantes gerados em todos os níveis da cadeia produtiva do tabaco. Dessa forma, pode-se ressaltar que mesmo a cultura sendo bastante atrativa economicamente para os pequenos agricultores envolvidos na produção, são eles também quem recebem a menor fatia de toda a receita gerada, cerca de apenas 3,18% do total. A situação descrita, na maioria das vezes, é desconhecida pelos produtores que são a base de todo esse processo, sendo consequentemente os mais explorados pelas multinacionais que concentram todo o monopólio da cadeia produtiva do tabaco. A falta de alternativas de diversificação da renda de seus estabelecimentos agrícolas, ainda é um fator determinante para que tal situação persista, pois em sua grande maioria, os fumicultores tem como principal fonte de renda para sua sobrevivência, a que é oriunda da produção de tabaco.

Em níveis tributários, o quadro 1 também demonstra a importância econômica da cadeia produtiva do tabaco para o estado brasileiro, sendo que os montantes gerados são bastante significativos quando comparado a outros setores da agricultura em nível de produção familiar. Dessa forma a atividade fumageira, ainda se faz de grande importância socioeconômica principalmente para a região sul do Brasil.

4 Considerações Finais

Em um panorama geral da fumicultura sul brasileira, percebe-se que esse setor sustenta-se com base no sistema de integrado de produção, tendo como base de toda a cadeia produtiva, o fumicultor. Pois é por meio dos contratos firmados por parte das empresas e agricultores que as mesmas têm a garantia de quantidade e qualidade do produto para posterior industrialização ou exportação. E nesse sentido, observou-se nas últimas décadas, uma seleção entre produtores mais e menos capacitados financeiramente e tecnologicamente, visando otimizar o viés de controle de quantidade e qualidade por parte das companhias. Fato esse, que vem gerando uma forte tendência de concentração da produção, onde os fumicultores com capacidades produtivas reduzidas, automaticamente estão sendo excluídos da atividade.

O setor fumageiro na região sul do Brasil, apresenta significativa importância para a sociedade em geral. Pois é um grande impulsionador da economia gerando renda para milhares de famílias envolvidas na produção, proporcionando assim com que consigam manter seus estabelecimentos rurais ativos, otimizando sua viabilidade. Na safra 2020/21 por exemplo, verificou-se que a cadeia produtiva do tabaco gerou cerca de 605.500 empregos diretos na lavoura e mais de 40.000 na indústria. Nesse mesmo ano safra, foram gerados 1.440.000 empregos indiretos, totalizando um total de 2.085.552 de pessoas trabalhando nesse setor (AFUBRA, 2022). Ou seja, apesar do setor ser amplamente questionado e contestado pela sociedade em geral, ao viés da saúde, o cultivo de tabaco, a mais de seis décadas é responsável pela renda, muitas vezes única, de milhares de famílias do sul do Brasil.

Contudo, observa-se que existem diversos discursos oriundos de vários setores da sociedade, que empregam uma diversificação da renda nos estabelecimentos fumageiros e até mesmo o de substituição da atividade. Isso, devido aos danos à saúde quanto ao uso de agrotóxicos na produção, e posterior consumo do produto. Além da vulnerabilidade sofrida pelos fumicultores em âmbito de comercialização, pois não possuem nenhuma garantia de preço pelo seu produto. Porém, muitas das alternativas de substituição ou diversificação, ainda não apresentam-se como capazes substituir a renda gerada pelo cultivo do tabaco. Assim, a atividade ainda continua sendo essencial para sobrevivência de milhares de famílias na região sul do Brasil.

Desse modo, ainda é possível observar que a cadeia produtiva do tabaco no Brasil pode ser potencializada, sendo que uma maior internalização da industrialização final do produto, proporcionaria mais renda ao país. Renda essa, que países mais desenvolvidos, como os da União Europeia por exemplo, se beneficiam por meio da importação e posterior industrialização do produto brasileiro, entretanto, o maior foco desse setor produtivo ainda continua sendo as exportações.

5 Referências Bibliográficas

AFUBRA. Associação dos Fumicultores do Brasil. **Fumicultura no Brasil. Fumicultura Regional**. Disponível em: <https://afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

_____. Associação dos Fumicultores do Brasil. **Fumicultura Mundial**. Disponível em: <https://afubra.com.br/fumicultura-mundial.html>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

_____. Associação dos Fumicultores do Brasil. **Perfil do Fumicultor**. Disponível em: <https://afubra.com.br/perfil-fumicultor.html>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

_____. Associação dos Fumicultores do Brasil. **Cigarros e Impostos**. Disponível em: <https://afubra.com.br/perfil-fumicultor.html>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

BRITISH AMERICAN TOBACCO DO BRASIL. **O tabaco na história**. Disponível em: https://www.batbrasil.com/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DO9YDBCK. Acesso em 16 agosto de 2022.

_____. **Tabaco**. Disponível em: https://www.batbrasil.com/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DO9YAEUN. Acesso em 20 de agosto de 2022.

BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T. (Ed.). **Origem e evolução de plantas cultivadas**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2008. 909 p. il. Color.

COMEXSTAT. Estatística de Comercio Exterior do Brasil. 2022. **Exportações de Tabaco**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em 25 de agosto de 2022.

DORNELES, M.; SILVEIRA, R.L.L. **Mercado mundial de tabaco, concentração de capital e organização espacial. Notas introdutórias para uma geografia do tabaco**. REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98. Vol. XIV, núm. 338, 10 de octubre de 2010. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-338.htm>. Acesso em 24 de agosto de 2022.

FAVARIN, J. L. **Tecnologia da produção de fumo**. ESALQ – USP – Produção Vegetal. Departamento de Produção Vegetal. Piracicaba, SP. Documento eletrônico. Disponível em: http://www.ppmac.org/sites/default/files/tecnologia_producao_fumo.pdf. Acesso em 15 de agosto de 2022.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. P. 44 – 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INCA. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva/ Ministério da Saúde. 2012. A exposição “O controle do tabaco no Brasil: uma trajetória”. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/exposicao_controle_tabaco_brasil_trajetoria.pdf. Acesso em 12 de agosto de 2022.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Desafios do Desenvolvimento**. Disponível em: http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2115:catid=28. Acesso em 25 de agosto de 2022.

SECINT. 2021. Ministério da Economia. Exportação e Importação Geral. ComexStat. <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>

SCHENATO, S. “Abastança para a colônia”: A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX. **Revista Santa Catarina em História**. UFSC. v. 9, n. 2, 2015. Disponível em <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/1043>. Acesso em 13 de agosto de 2022.

SINDITABACO. Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco. **Tipos de Tabaco**. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/tipos-de-tabaco/>. Acesso em 13 de agosto de 2022.

_____. Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco. **Infográficos (a)**. 2021. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br>. Acesso em: 10 agosto 2022.

_____. Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco. **Infográficos (b)**. 2021. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br>. Acesso em: 10 agosto 2022.